

73

magazine
for radio amateurs

\$1.00
December 1973
45768
K

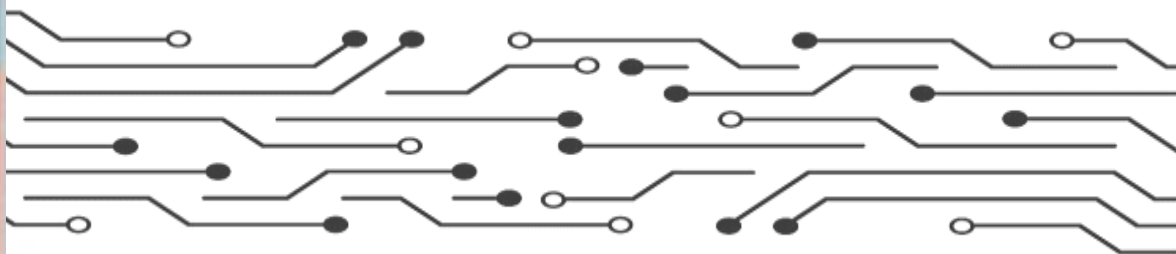


DV BRAZIL



73 MAGAZINE

Uma lenda no Radioamadorismo



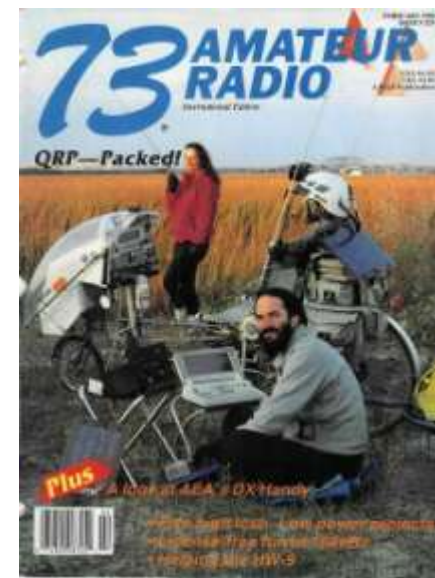
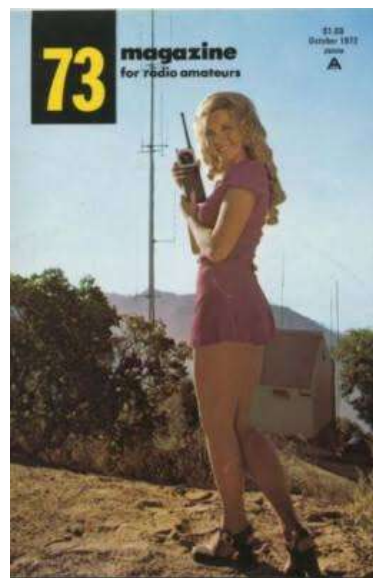
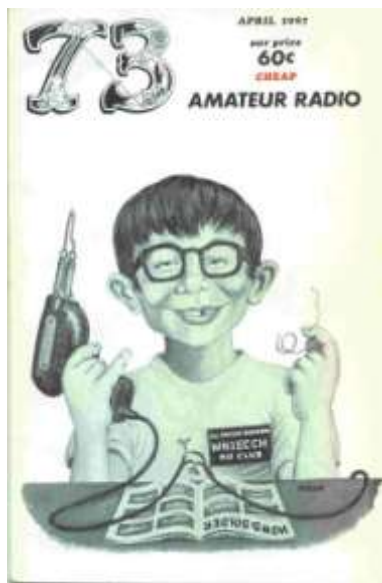
#NetBR Ed.328

Nesta Apresentação...

A NETBR abordará a revista **73 Magazine**, uma das publicações mais importantes e também mais irreverentes da história do radioamadorismo norte-americano. Circulou mensalmente durante **43 anos**, de outubro de 1960 a setembro de 2003.

O conteúdo em texto desta apresentação é livre de IA, com curadoria, redação e revisão efetuados exclusivamente por humanos.

Caso tenha dúvidas, ou algo para acrescentar, poderá tecer comentários e contribuições ao final da apresentação, ou na página desta edição ao website dvbrazil.com.br



Contexto Histórico



Antes da década de 1980 não tínhamos a Internet com seus *websites* e fóruns e redes sociais, também não tínhamos as BBS, nem DMR e NETBR. Nos mantínhamos informados sobre notícias do cotidiano através de jornais impressos e televisão. Mas para assuntos de nicho, de hobbistas e até mesmo profissionais, o principal meio de manter-se atualizado era através dos periódicos, chamados de *magazines*, e aqui no Brasil as “revistas”.

Não apenas no radioamadorismo, mas em outros assuntos como eletrônica, carros, moda, vinhos, gastronomia, fotografia, aviação, viagens, agricultura, artes, etc... Era através da revistas que nos mantínhamos informados sobre notícias, novidades e novos produtos.

A 73 Magazine foi pioneira em trazer para seu conteúdo os projetos da comunidade, deixando de ser uma mera vitrine de produtos e publicidade.

Nascimento e seu criador

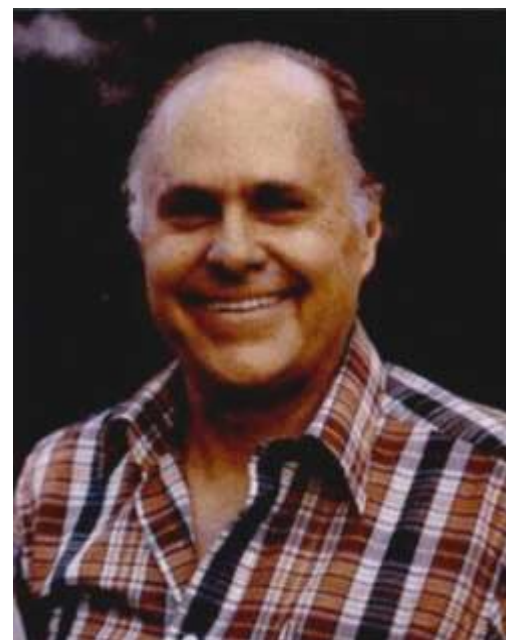
Wayne Sanger Green II (*03/09/1922 +13/09/2013) indicativo W2NSD, era um aficcionado por tecnologia e radioamadorismo. Em 1952 criou uma pequena revista chamada "*Amateur Radio Frontiers*" que falava exclusivamente de RTTY e Teletipo para radioamadorismo, chegou a ter 64 páginas e cerca de 2000 assinantes. Apesar do pequeno alcance, esta revista rendeu-lhe uma sessão inteira na revista CQ Magazine, a qual posteriormente convidou Wayne para trabalhar como editor, onde trabalhou de 1955 a 1960.

Algo que incomodava Wayne, um aficcionado por tecnologia, era que a revista CQ Magazine acabava servindo mais como vitrine para fabricantes lançarem seus novos produtos e para venda de espaço publicitário, concedendo muito pouco espaço para projetos amadores do tipo DIY (faça você mesmo).

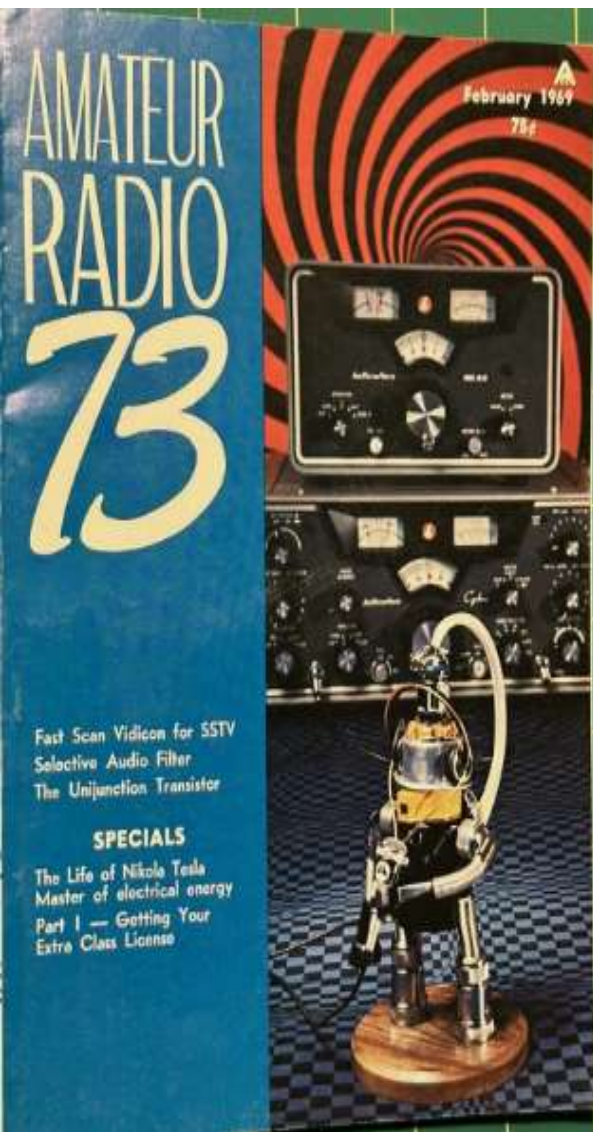
Em meados de 1960 Wayne desligou-se da CQ Magazine e decidiu criar sua própria revista. Passou algumas semanas em seu apartamento no Brooklyn (NYC) produzindo a primeira edição de sua nova revista, a **73 Magazine**, lançada em outubro de 1960 e custava 37 centavos. A revista também continha lançamentos de fabricantes e marcas, e publicidade de anunciantes, mas era inovadora em trazer projetos caseiros DIY de outros radioamadores. A última edição foi a 514 em setembro de 2003, vítima da Internet e queda de receita publicitária.

Em 2012, um ano antes de sua morte, Wayne Green entregou ao **Internet Archive** uma coleção completa da *73 Magazine* e solicitou que as edições fossem disponibilizadas gratuitamente ao público. *Link* abaixo:

https://www.worldradiohistory.com/Archive-All-Amateur/73_Magazine.htm



O criador e sua criatura



A revista 73 Magazine era desejada e apreciada. Sinônimo de muitas novidades, irreverência, projetos baratos, assuntos interessantes, e também de polêmicas. A começar pelo nome estampado nas capas. A primeira edição era *“73 magazine for radio amateurs”*, mas eventualmente era publicada como *“73 Amateur Radio”*, ou *“73 Amateur Radio Today”*, e em outras simplesmente *“73 Magazine”*.

Na década de 60, Wayne e a 73 Magazine foram fortes impulsionadores da tecnologia de estado sólido no radioamadorismo, algumas edições continham pequenos kits com transistores e componentes eletrônicos, para que os radioamadores construíssem seus próprios módulos. Ainda em meados da década de 60 a revista dava forte ênfase às novas repetidoras FM para radioamadorismo, publicando listas atualizadas de repetidoras. Wayne tinha um entusiasmo contagiante sobre repetidoras.

Na década de 70 a revista foi a principal responsável pela popularização de um modo de transmissão novo e desconhecido, o SSB (*Single Side Band*, a banda lateral), e nesta mesma década deu forte ênfase em integrar radioamadorismo aos primeiros computadores pessoais e microcontroladores disponíveis em varejo. Inclusive, em 1975 Wayne criou uma segunda revista chamada **BYTE MAGAZINE** especializada em computadores pessoais, e em 1983 auxiliou a criação da revista brasileira chamada *“MICRO SISTEMAS”*.

Nas décadas de 80 e 90 a revista continuava apostando na integração de radioamadorismo com computação, tornando-se uma verdadeira escola de modulações digitais, como APRS, SSTV, ATV, RTTY, FSK, dentre outras.

As polêmicas de Wayne Green

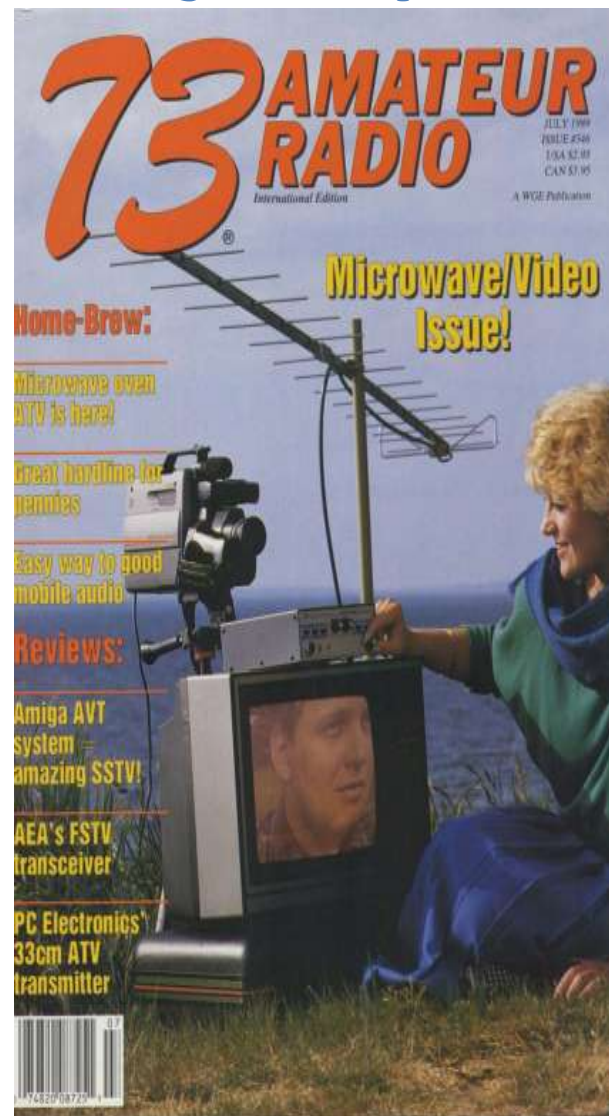


Wayne Green utilizava seu editorial mensal, **Never Say Die** (alusão a seu indicativo W2NSD) para criticar constantemente a ARRL, a FCC, outras revistas e a indústria. Ele acusava a ARRL de ser conservadora, burocrática e lenta para reconhecer novas tecnologias. Curiosamente, apesar das críticas frequentes, continuou sendo membro da ARRL. Seus editoriais faziam da revista uma publicação viva e independente, mas também profundamente ligada às opiniões pessoais do editor.

Em 1974, Wayne Green foi condenado por fraude relacionada ao imposto de renda. Na edição de julho de 1974 ele próprio comunicou a condenação aos leitores, mas apresentou-se como vítima do sistema tributário. A sentença de prisão foi suspensão, e ele recebeu três anos de liberdade condicional. Ele transformou o próprio processo em assunto editorial. Durante vários meses, publicou críticas ao IRS (Receita Federal norte-americana) alegando perseguição, abuso de poder e injustiça no julgamento.

Nos últimos anos da revista, Wayne Green passou a dedicar espaço crescente a assuntos alheios ao radioamadorismo. Defendeu ou promoveu ideias controversas sobre: suposta fraude nas missões lunares; curas alternativas para câncer e AIDS; conspirações governamentais; teorias científicas não reconhecidas; promoção da fusão a frio. Isso prejudicou sua credibilidade entre os leitores e comunidade. A própria ARRL ao noticiar sua morte reconheceu sua importância tecnológica, mas chamou atenção para suas teorias científicas e médicas não convencionais.

Edições polêmicas e perigosas



Artigo “*Inside Ma Bell*” em Junho de 1975.

Talvez a maior controvérsia editorial, e que acabou judicializada. Neste artigo o texto explicava o funcionamento interno da rede telefônica e apresentava informações para construir dispositivos conhecidos como: **blue box**; **red box**; **black box**. Esses circuitos podiam manipular a sinalização telefônica e em alguns casos, permitir ligações sem cobrança, prática associada ao chamado *phone phreaking*. A companhia telefônica Bell processou a **73 Inc.** O caso terminou em acordo judicial, e a editora teve de destruir os exemplares que ainda possuía e solicitar aos assinantes que destruíssem a edição. Evidentemente, muitos leitores guardaram ou copiaram a revista, tornando-a uma das edições mais conhecidas da coleção.

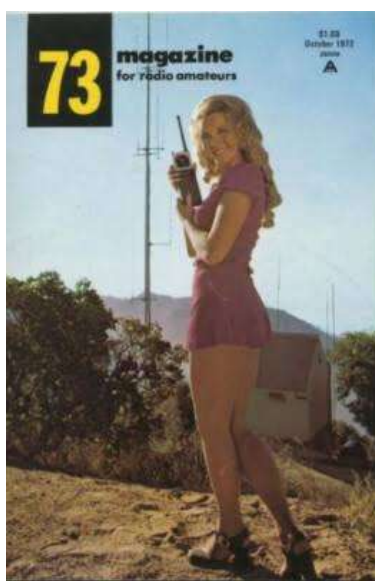
Artigo “*ATV Transmitter from a Microwave Oven!*” em Julho de 1989.

Não era simplesmente conectar uma antena ao forno micro-ondas. O projeto transformava partes do forno, especialmente o **magnetron**, a **fonte de alta tensão e a guia de ondas**, em um transmissor de televisão amadora de **2,4 GHz**, na faixa de 13 cm. O objetivo declarado era obter **200 a 400 Watts de RF**. Era algo perigoso: cerca de **4.000Volts** potencialmente letais; centenas de Watts de micro-ondas que poderiam causar queimaduras internas e danos aos olhos sem que a pessoa percebesse imediatamente. Além disso, uma antena direcional de alto ganho poderia concentrar essa potência em um feixe extremamente perigoso. Um leitor, Bob Kozlarek WA2SQQ classificou o aparelho como um “instrumento de raio da morte” e ironizou perguntando quando a revista publicaria o projeto de uma bomba termonuclear.

Capas com corpos femininos

Em novembro de 1970 Wayne chegou a oferecer **US\$ 50** aos leitores que enviassem fotografias de mulheres bonitas em estações, torres, ou operando equipamentos. Preferia que fossem radioamadoras licenciadas, mas também sugeria fotografar esposas, filhas, vizinhas ou até mesmo **amantes**, evidenciando então o público masculino que ele pretendia atingir. As capas chamavam atenção nas bancas, especialmente dentre revistas com capas dominadas por esquemas, antenas e equipamentos, e aproximava a publicação da cultura visual dos anos 1970, a época de maior liberalização dos costumes. A estratégia comprovadamente aumentava as vendas avulsas.

A capa mais polêmica foi a de Fevereiro de 1973, cuja capa não exibia qualquer elemento de radioamadorismo, apenas a modelo Judi Light de biquini com um grande 73 pintado em seu corpo com os dizeres “73 aprovado para amadores”. Na edição natalina de 1973 a revista oferecia por US\$ 3 um pôster da fotografia “sem aquele pacote obstruindo”. Isso elimina qualquer dúvida de que a modelo estava sendo utilizada como apelo visual independente do conteúdo radioamadorístico.



73 Magazine Says 73 and QRT



A última edição da 73 Magazine ocorreu em setembro de 2003 (capa ao lado). Esta época coincide com a derrocada do formato de mídia impressa, não apenas da 73 Magazine, não apenas nos Estados Unidos, mas em todo o mundo e com todas as revistas. Durante as décadas de 70 e 80 a revista tinha de 200 a 300 páginas, chegando a 324 páginas na edição de novembro de 1978. Nos anos 90 ocorreu a redução gradual do número de páginas, a partir de 2000 as edições eram limitadas a 68 páginas.

O preço que você paga por um jornal ou revista impresso, paga apenas pelo papel, pela tinta, e a logística até chegar na banca. O que realmente sustenta uma revista e todo seu editorial são as receitas de publicidade, dos fabricantes e anunciantes, e dos classificados. Com a popularização da Internet e da WWW no final da década de 90, os assinantes tinham fácil e imediato acesso a qualquer conteúdo, além de fóruns participativos abertos a todos. O dinheiro dos anunciantes passou a fluir dos periódicos impressos para o *marketing* digital.

A 73 Magazine sofreu mais E antecipadamente às revistas concorrentes, como CQ Magazine e QST Magazine. As visões e editoriais “malucos” de Wayne afastavam leitores e anunciantes, as edições estavam cada vez menores sem redução do preço, e a revista dependia excessivamente de Wayne. Em 2003 as despesas para manter a revista superavam as receitas. A edição 541 não continha qualquer despedida e os editores já trabalhavam na edição 542.

Em outubro de 2003 a 73 Inc pediu falência, uma morte súbita.

Curiosidades sobre a 73 Magazine



As palavras “curiosidades” e “73 Magazine” em uma mesma sentença configuram um pleonismo. Mas vamos a algumas curiosidades:

-Em um final irônico, a revista que durante 43 anos intitulava seus editoriais como “**Never Say Die**” ou algo como “nunca desista”, encerrou suas atividades sem a oportunidade de dizer adeus. Não sabe-se se foi proposital ou coincidência, Wayne nunca contou.

-Em **abril de 1967**, o personagem Alfred E. Neuman da famosa revista *MAD* apareceu como “**Al Freddy Newham**”, segurando um ferro de solda. A edição também parodiava *Spy vs. Spy*, Don Martin e outras seções icônicas da revista *MAD*.

-Um ano antes, a vítima havia sido a revista *Playboy*. A edição de **abril de 1966** trazia o *slogan* *Entertainment for Hams*, imitando *Entertainment for Men*. O tradicional coelho foi substituído por um porco com gravata-borboleta, e a paródia continuava em cinco páginas internas.

-Em Julho de 61, ainda no início, a revista já provocativa atacou sua concorrente QST Magazine, publicando a capa de cabeça pra baixo, e satirizando-a em um de seus artigos.

-Ao sair da CQ Magazine em 1960 e decidido a criar sua própria revista, mas sem conseguir investidores, Wayne Green teria vendido **dois Porsches, um barco, um avião e um cavalo árabe** para levantar o capital inicial. A redação começou no apartamento dele no Brooklyn.

-Entre outubro de 1960 e setembro de 2003, a revista publicou **514** edições, com aproximadamente **8.619** artigos distribuídos por mais de **64 mil páginas**.



Os periódicos brasileiros



A revista **Antenna** foi fundada no Rio de Janeiro em 30 de abril de 1926 pelo engenheiro Elba Dias, publicando assuntos de radiocomunicação, telecomunicações, eletrônica e radioamadorismo.

Em maio de 1956 surgiu a **Eletrônica Popular**, inicialmente como uma publicação associada à *Antenna* e adaptada da norte-americana *Popular Electronics*. Em janeiro de 1983, *Antenna* e *Eletrônica Popular* foram reunidas na revista **Antenna–Eletrônica Popular**. A revista permanece ativa em 2026, com periodicidade mensal e conteúdos de eletrônica, restauração de rádios, telecomunicações e a seção **CQ-Radioamadores**. A edição de abril de 2026, número **1.276**, comemorou o centenário da revista.



A **Revista QTC** foi o periódico oficial da LABRE, sua primeira edição apareceu em setembro de 1934, ano da fundação da entidade. Há exemplares documentados durante as décadas de 1950 e 1960.

Muitas revistas brasileiras sobre eletrônica continham seções inteiras com vários excelentes artigos sobre radioamadorismo, tais como: **Saber Eletrônica** (lançada em 1964 como “Revista Eletrônica”); **Nova Eletrônica** de 1977 a 1986; **Eletrônica Total** lançada em 1988. Estas revistas tanto eram apreciadas por radioamadores, como traziam o interesse pelo radioamadorismo aos hobbistas e profissionais de eletrônica, com muitos projetos DIY de radioamadorismo em suas edições.

Considerações Finais

A populização da Internet nos anos 2000, com seus websites, fóruns e redes sociais, drenou o orçamento publicitário dos periódicos impressos, que passaram a fluir para o marketing digital. Atualmente os periódicos ainda existem, mas com função utilitária em papel, infantis, gabaritos, recortes, anotações, etc.



Vamos encerrar esta edição da NETBR de uma forma diferente, trazendo um pouco de salutar saudosismo, em forma de nota do autor:

“Lembro-me das décadas de 80 e 90, rabiscávamos um calendário indicando o dia de disponibilização de cada revista nas bancas de jornais. A ansiedade começava alguns dias antes, juntar uns trocados e alterar a rotina, para naquele dia específico passar logo pela manhã na banca de jornais e comprar mais uma edição da adorada revista, depois passar horas e dias lendo e “mastigando” o delicioso conteúdo. Cada edição de cada revista era nossa dose mensal de merecida dopamina e também de informação valiosa. Até as crianças ficavam ansiosas pelos novos gibis/quadrinhos. Obviamente nas décadas anteriores a magia era a mesma, apenas não testemunhei. Esta nobre experiência foi vivida, imagino, por quem possui mais de 40 anos de idade atualmente. As novas gerações (e todos nós) já desfrutamos de um mundo digital onde o conteúdo desejado é acessível e oferecido automaticamente através de telas eletrônicas.

E você? Conhecia a 73 Magazine? Conte aqui para nós, ou deixe seu comentário na página desta edição.

Caso tenha interesse por um ou mais assuntos abordados, recomendamos que faça suas próprias buscas e pesquisas, tendo este material e conteúdo aqui apresentado como mera referência.



AGRADECEMOS PELA ATENÇÃO

#NetBR Ed.328

•O Autor deste artigo (PY2UTU) e seus divulgadores (DVBrazil) não assumem responsabilidade sobre atos ou omissões de terceiros que venham mencionar o conteúdo deste artigo em outros conteúdos e materiais e meios. Algumas imagens presentes são de domínio público, as demais imagens presentes neste conteúdo foram geradas por AI e cedidas a DVBrazil. Reprodução ou divulgação, ainda que parcial, requer prévia autorização da DVBrazil.